

Militante político republicano, Charles Ribeyrolles e a hospitalidade no Brasil Império

João dos Santos Filho*

Resumo: O objetivo deste artigo é aglutinar subsídios para que conheçamos, com maior profundidade, a historiografia da hospitalidade e do turismo brasileiro. Não poderia faltar, portanto a contribuição do militante político e cronista francês Charles Ribeyrolles, com seu livro escrito em 1859, sobre os costumes do Brasil Império, acompanhado de ilustração fotográfica de Victor Frond. O surpreendente é que a noção de hospitalidade para ele está vinculada à razão crítica que os homens devem possuir para entender a realidade que o cerca, exteriorizada quando afirma: “Quando penetra em lar estranho, o viajante deve o respeito às tradições, aos costumes e mesmo às suscetibilidades *tropicais* de quem o hospeda.”

Palavras-chave: Hospitalidade no Rio Império; Escravidão; Fotografia como instrumento histórico; Napoleão III.

A republican political militant, Charles Ribeyrolles and the hospitality in Brazil Empire

Abstract: The objective of this article is to agglutinate subsidies in order to know, in greater depth, the historiography of the Brazilian hospitality and tourism. It could not lack, therefore the contribution of the political militant and French columnist Charles Ribeyrolles, with his book written in 1859, on Brazil Empire's habits, accompanied of photographic illustration of Victor Frond. What is surprising is that the hospitality notion for him is linked to the critical reason that men should possess in order to understand the reality that surrounds him, uttered when he affirms: "When one enters a stranger's home, the traveler owes the respect to the traditions, to the habits and even to the tropical susceptibilities of the host".

Key words: Hospitality in Rio Brazil Empire; Slavery; Picture as historical instrument; Napoleon III.

* **JOÃO DOS SANTOS FILHO** é Professor da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Ciências Sociais; autor do livro “Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras” EDUSC, Universidade de Caxias do Sul. E-mail: joaofilho@onda.com.br

Esclarecimento metodológico

O presente artigo é resultado de investigações decorrentes da linha de pesquisa “hospitalidade no Brasil Império”, que tem por objetivo estudar as obras escritas sobre o Brasil por viajantes, cientistas, naturalistas, padres e visitantes do século XIX, que por razões diversas viveram no país entre o período de 1808 a 1889. O estudo refere-se à obra de Charles Ribeyrolles, intitulada “Brasil Pitoresco: história, descrições, colonização e instituições”, de 1859. Nosso interesse investigativo foi procurar entender como o autor compreende a hospitalidade no Brasil Império.

A origem da palavra “hospitalidade” vem do latim e significa “acolhimento”, porém ela abrange um valor de significação que ultrapassa o conceito de abrigar, pois o campo da hospitalidade agrega graus diferentes e contraditórios de sociabilidade¹ no tratamento dispensado às pessoas, que devem ser recebidas realmente como hóspedes. Para nós interessa o tratamento que o “hospedeiro” oferece ao hóspede e vice versa. Por isso, constituem-se em um conceito que perpassa integralmente os costumes de uma determinada sociedade, retratando o cotidiano da sua cultura material e espiritual.

Charles Ribeyrolles junto com o fotógrafo Victor Frond tornam-se nossos personagens centrais, ambos republicanos, proscritos pelo golpe de

Estado realizado por Napoleão III, na França, em 1851. Exilam-se no Brasil, com a missão de escrever um livro, este resultou no primeiro estudo feito por viajantes na América Latina a utilizar a fotografia e a litografia como material iconográfico ilustrativo.

Este livro tem uma dupla significação, registrar e recuperar memória histórica nacional, auxiliando no desvelamento da historiográfica sobre hospitalidade e do turismo brasileiro, bem como, se trata do primeiro estudo sobre o Brasil, feito por um republicano e militante político, acompanhado de fotografias para ilustrar seu conteúdo.

Preliminares

Charles Ribeyrolles jornalista, ativista político e cronista: lutava pela defesa do regime republicano, contrapondo-se ao golpe de Estado feito por Napoleão III, em 1851. Por ser redator-chefe do Jornal *La Reforme*, por onde se expressava contra o golpe de Napoleão foi perseguido, fugiu para Londres, e posteriormente dirigiu-se ao Brasil em 1858, para trabalhar com o fotógrafo Victor Frond². Morreu em primeiro de junho de 1861, no território nacional, de uma peritonite, segundo esclarecimento feito por Frond:

Esse fatal acontecimento, por tantos títulos, nos enche de desgostos, foi injustamente atribuído à febre amarela, e não passou de consequência de uma peritonite. Por mais penosa que me seja esta revelação, devo-a ao país

¹Sociabilidade constitui-se na predisposição prévia que o ser humano demonstra para a interação social que pode ser concretizada pela tolerância ou intolerância mútua, de aproximação ou de afastamento, um verdadeiro criador de cultura que vai alimentar o conceito de hospitalidade. Ler a obra do sociólogo Florestan Fernandes: Elementos da sociologia teórica.

² Francês que monta, em 1858, um estúdio fotográfico no Rio de Janeiro. E tem como objetivo ilustrar o cotidiano brasileiro em livro escrito por Charles Ribeyrolles, intitulado **Brasil Pitoresco**. No qual registra pela primeira vez o trabalho escravo e emigrante e a vida rural no país; fotografa a paisagem do Rio de Janeiro, tornando conhecido o Pão de Açúcar, os Arcos da Carioca e o outeiro da Glória e o Palácio Imperial de Petrópolis

hospitaleiro que Ribeyrolles pretendia defender na Europa e que, segundo suas formosas e verdadeiras palavras, todo o mundo censura. (RIBEYROLLES, 1980, v.2: 201; 2).

A ilustração de Frond categoriza essa brilhante obra publicada pela Tipografia Nacional, em 1859, por ordem de D. Pedro II. O autor arrola fatos importantes do cotidiano da época e foi um mestre em relatar a história em um tom romântico, sem perder a iniciativa da crítica ao processo político e econômico do Império. Com sua profunda formação política educacional e cultural, tornam seus discursos verdadeiras peças literárias, interessantes de serem lidas e observadas, pois o texto é ilustrado com um farto material iconográfico, composto pela novidade das fotografias obtida pelo artista da imagem, o fotografo Frond.

O viajante Charles Ribeyrolles constitui um militante do partido político republicano revolucionário, pois relata, de forma opinativa, sua relação para com os problemas políticos, econômicos e sociais propondo a superação dos mesmos. Por isso, seu discurso torna-se engajado e militante no relato crítico sobre a realidade brasileira.

Nosso objetivo foi resgatar como o autor descreve o processo de sociabilidade junto às relações sociais que podem ser classificadas de hospitalidade e as sinalizações que surgiram pelo fenômeno turístico naquele período histórico, visto que é a primeira vez, na história latino-americana, que a fotografia é utilizada em um livro. Com a intenção de ilustrar as riquezas de um país, a obra de Ribeyrolles ganhou *status* e importância documental em virtude da variada

iconografia apresentada sobre o cotidiano do Brasil Império.

Visão de mundo de Ribeyrolles

Ribeyrolles, homem culto que utiliza seu discurso irônico e em muitos momentos marcados pelo sarcasmo e pela radicalidade quando se refere ao processo de colonização. Como republicano convicto, tinha claro que a expansão do imperialismo francês, inglês, português e espanhol era resultado de uma mistura de rearranjos do Estado absolutista que se encontrava em agonia e desespero. Que tinha que buscar uma sobrevivência mortífera e concomitante à expansão das relações capitalistas que se expande no mundo. Segundo ele, “[...] seguiu o espírito moderno e suas três grandes forças: a ciência que descobre a indústria que realiza o trabalho que produz” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 26).

Mais adiante, usa um discurso extremamente denunciante e demonstra sua consciência crítica ao processo de exploração ao qual foram submetidos os “nativos da terra”, chamando “esses homens sem palavra e piedade” de “aventureiros da conquista” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 32):

Esmagavam sob uma chuva de ferro e fogo as nações da flecha. Saquearam os deuses hospitaleiros os lares indefesos, o túmulo dos mortos. Carregados de ouro, e nunca saciados dele, fizeram falar os brasileiros ardentes, as tenazes aguçadas, as roldanas, os cavaletes. E o que restava de velhos, mulheres e crianças, em seguida à metralha e à tortura, acorrentavam e vendiam, nada ficando livre atrás de si, nem terras, nem povos! (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 31; 2)

A consciência política de Ribeyrolles pode ser percebida em sua escrita, quando de forma aguçada e penetrante

registra que para os colonizadores. “O ouro era seu ideal. O vinho a bússola [e] a inquisição a imprensa [e que] eles representavam fortemente a besta humana” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 32). Podemos afirmar que, para a sua época, este jornalista possuía um senso crítico afiado e posições políticas definidas. Imaginamos como a visão da escravidão o deve ter ferido em suas convicções de justiça e liberdade, pois escreve:

Brasileiros, não sois nem botocudos, nem purís, nem portugueses. Sois da filiação humana, tendes avós como nós todos. Homens e povos, não há mais sobre a terra nem velhos, nem moços, nem grandes, nem pequenos. Só há trabalhadores (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 34).

Podemos considerar Ribeyrolles um defensor do abolicionismo, que lutou na França contra Napoleão e aqui no Brasil pela liberdade dos escravos e em favor de trabalhadores livres para a agricultura e para a pequena indústria que começava a despontar. Na verdade, foi um homem à frente de seu tempo e que possuía consciência da luta de classes. Mas, apesar dessa criticidade, não deixou de expressar preconceitos baseados na visão etnocentrista que imperava no senso comum e na própria academia europeia como explicativas do mundo.

Selvagens

Em uma das partes de seus escritos, ao se referir aos nativos da terra, o qual os chama de selvagens, faz uma interpretação sobre os primeiros habitantes do Brasil, indagando:

As tribus, como os povos e os homens, só valem pelo que deixam como herança comum. Artes, ciências, indústrias, cultura, línguas, religiões, governos,

revoluções, eis os legados. Ora, em todos esses assuntos, que valores se encontrarão nos arquivos e depósitos da América do Sul? (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 36).

Ribeyrolles comete um erro comum entre os europeus: fazer a leitura do Novo Mundo segundo preceitos de sua realidade histórica. Para ele, a visão do atraso surge como força explicativa. Considera as aborígenes raças inferiores, que não produzem nada além de arcos, flechas, colares, clavas de luta e cocares, portanto sua cultura é pobre e não deixam nada como legado.

Ainda conforme o cronista, a falta de uma religião entre os indígenas explicaria o canibalismo e expressava “que era mister devorar o inimigo vencido. Os antigos Tapuias comiam os próprios pais. Banquete filial! Destino patético!” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 37).

O sistema de governo era o talião, no qual o pagamento do crime é pago com crime semelhante. Quem trabalhava eram as mulheres, pois os homens se limitavam à caça, pesca e à coleta, como afirma Ribeyrolles:

Quanto à lavoura, contavam-se em algumas tribus campos de milho e de mandioca. Mas, em geral, os índios só viviam entregues aos misteres de caça e pesca, sem o menor comércio mútuo, nem tão poucos rebanhos. Era a vida primitiva, dia a dia, com todos os problemas do sertão (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 39).

É evidente que a visão de mundo de Ribeyrolles estava sedimentada na idéia do Francês Georges Louis Leclerc, conde de Buffon, que foi um naturalista, matemático e escritor, o qual defendia a tese de inferioridade das espécies, como nos esclarece o historiador Antonello Gerbi:

Uma das mais importantes descobertas de Buffon, das que maior orgulho despertava nele, é que as espécies animais do Velho Mundo e as da América meridional são *diferentes*. Diferentes e em muitos casos inferiores, ou mais débeis, as do Novo Mundo. (GERBI, 1996: 19)

Com isso, Buffon define também a natureza dos habitantes do Novo Mundo, como seres inferiores e débeis, pois afirma que os mesmos não conseguiram submeter a natureza aos seus interesses. Mas, sim, se mantiveram sob o controle da natureza, na qualidade de passividade, sem a produção de qualquer comércio ou produção para a troca.

Buffon na verdade, expressava a idéia de que o progresso não havia chegado para esses povos da América, pois o valor de uso prevalecia sobre o valor de troca, isto é, a dinâmica da vida seguia as regras da natureza e não as do mercado.

Com esse entendimento preconceituoso e eurocêntrico, Ribeyrolles trabalha sua visão de mundo, que nada tem de surpresa, pois esta era a forma corriqueira de interpretar o mundo. A comparação entre os povos, tendo como matriz os preceitos ideológicos do Velho Mundo como superiores e dentro do padrão de civilização correta, em detrimento aos “padrões primitivos” do Novo Mundo.

Por sua militância política, Ribeyrolles escreve sobre os franceses destacando que os mesmos vieram para o Brasil com o interesse de:

Organizar uma expedição que se tornaria colônia no novo mundo, dar à França uma terra que equilibrasse os reinos renascentes de Portugal e Espanha, preparando subsidiariamente um refúgio para

os homens de religião que desafiavam as cóleras do tempo, e fundar, através dos oceanos, um asilo, uma colônia livre, tal era o fim da empresa (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 47).

Segundo Ribeyrolles, por falta de estratégia militar a França foi expulsa do Brasil. O cronista afirma que “As expedições de França deviam, pois, abortar. Não foram elas mais do que incidentes” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 54).

Independência

A Revolução Francesa, segundo Ribeyrolles, trouxe pouca repercussão no interior da sociedade brasileira, mas nunca deixou de inspirar os movimentos em favor da independência do jugo de Portugal: “O Brasil, sempre debaixo da tutela portuguesa, estava, mais que nunca, vigiado e bloqueado. Seus mares emudeceram. A nau mercante procedente da Inglaterra só trazia os boletins de Londres” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 125). O cronista acrescenta:

E a Inglaterra se enriqueceu segundo o contrabando. A maioria dos príncipes traíram a liga, e a realeza lusitana achou melhor exportar-se que lutar. Que podia ela em terra contra as tropas de Napoleão? Contra o inglês ou sem o inglês, que podia ela no mar? Seria melhor conservar o antigo título e as colônias do que trazer uma coroa avassalada a Junot. (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 126)

A família real portuguesa foge para o Brasil, acompanhada por uma escolta britânica e, segundo Ribeyrolles, trazendo toda a corte e seus serviços. Primeiramente param na Bahia e, em seguida, partem para Rio de Janeiro: “O Brasil ia tornar-se uma potência, e o Rio uma capital soberana, metrópole da pátria. Que de coisas trouxeram esses

mordomos!” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 128).

O contingente de funcionários (mordomos) eram os coletores de impostos, os que podiam decretar, por meio de requisições, qualquer bem como de utilidade da coroa, como também determinar a função da terra e das propriedades. Segundo Ribeyrolles, “[...] não se conseguiu esgotar a paciência dos brasileiros, tão bem compreendiam que o *poder* entre eles era uma primeira *independência*” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 128; 30).

A abertura dos portos às nações amigas, em 1808, traz o Brasil para o mundo, tornando o Rio verdadeiramente cosmopolita e o centro político brasileiro, no qual:

Geógrafos, historiadores, viajantes, artistas, todos quantos vagam e deliram aqui deixaram seu hino sobre as belezas interiores, as praias indolentes e fascinantes, as magníficas profundidades desta baía.

[...]

Estamos em frente ao Pão de Açúcar, e posto que já tivesse anoitecido, eu vislumbrava, em brumoso perfil, a algumas braças de mar, esse descomunal monólito pousado, como um gigante de atalaia, à entrada da baía. Ele está nu, de cor alvacentas e fulva, mordido de sol e vento (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 175).

Ribeyrolles também se encanta com a beleza natural do Rio, mas como bom observador crítico, e de uso de seu sarcasmo característico, ao se referir às embarcações ancoradas na baía da Guanabara, faz o seguinte comentário:

A Inglaterra e os Estados Unidos contam o maior número de velas. Vêm depois a França e Portugal. O Brasil excede-os em cabotagem.

Mas possui (sic) poucos cascos alterosos para o oceano e o longo curso.

De quem a culpa? Não será da floresta. Ela fornece, sobre milhas da costa e de fundo, as mais ricas madeiras de construção que se possam encontrar em estaleiros do mundo (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 178).

Descrição da cidade do Rio de Janeiro

Ao descrever a cidade do Rio de Janeiro Ribeyrolles, o faz com olhos de um urbanista, preocupado com o bem-estar da população e com as condições de saneamento básico, que apesar de ser a Capital Federal, eram precárias. Seguem-se algumas das afirmações interessantes:

[...] as ruas formam ângulo reto. São estreitas, mal calçadas, em mor (sic) parte, e os acanhados passeios que as cercam pertencem menos aos pedestres que aos mares.

Para além do espaçoso centro correm as ruas que cortam a cidade nova (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 183).

[...] o Rio, ao que se afirma, vive do comércio e pode repousar em seus generosos destinos de cidade-entrepósito e capital. Não se centralizam, por ventura, em seus armazéns, as províncias de oeste e do sul? Não tem ela em seu porto os navios de todas as nações que pagam ricos dividendos à Alfândega, e suas prerrogativas de metrópole, de sede de império, com os grandes luxos e os grandes proventos? (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 184).

Não existem fossas, porém barris. A certas horas, passam carroças com o tonel fétido, a caminho das praias. Quanto ao resto... lá se vai para o mar à cabeça dos negros,

como se fora um cesto de laranjas. É o que se chama o serviço dos *tigres* (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 189).

Para Ribeyrolles, o Rio possuía ares de Veneza, referência de base dentro dos princípios do eurocentrismo, ao escrever que:

O Rio de Janeiro deveria, pois, em vez de adormecer em sua mole ociosidade de capital, criar a sua especialidade de trabalho. Tomar a sua marca de fábrica, estabelecer a sua indústria, ainda que fosse só de doces, e dar-se um pouco menos ares de Veneza em suas chácaras (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 185)

Porém admite que o abastecimento de água do Rio de Janeiro era exemplar e atende às necessidades da Capital Federal, entretanto aproveita para ser mais uma vez sarcástico com a política do reino:

Há torneiras ao canto das ruas, chafarizes em algumas praças, e o serviço das casas é feito por aguadeiros que vos levam a mercadoria em barris.

Isso, já se vê, é feito com a primitiva simplicidade, à moda portuguesa antiga. Estudai, aliás, os hábitos, as tradições, os costumes e, diga o que disser a Constituição, achareis por toda a parte o mesmo cunho, a mesma lei. **O brasileiro reina. O português governa** (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 186; 87). (grifo nosso)

A iluminação pública no Rio já estava sendo feita com gás, apesar da resistente existência dos antigos, fumacentos e românticos lampiões de azeite. Assim comenta Ribeyrolles, novamente com seu peculiar sarcasmo: “O bico irradia. O candieiro agoniza [...] Uma companhia, como nas cidades principais da Europa {administra}. Quando os capitais particulares entram em ação,

andam mais depressa do que a administração pública” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 189).

O cronista registra que na cidade do Rio de Janeiro, “Não há nem banhos nem lavatórios públicos” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 190) também se referindo à falta de água e de árvores no passeio público, em trechos como:

Os melhores passeios do Rio são os morros pelas rudes ladeiras do Castelo, da Glória e de Santa Teresa. Só os artistas, os estrangeiros e os negros se arriscam a essa escalada com o sol a pino. A melhor hora é pela madrugada, antes que se abram a cidade e a baía (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 192).

O escritor tece uma crítica à falta de memória histórica do brasileiro a partir de seu encantamento pelos arcos da Lapa:

Onde estão, pois os monumentos?

Salvo o aqueduto, de bom aspecto, realmente, com suas duas arcadas, não existe no Rio um único monumento público, nem uma colunata, nem uma estátua. Esquecimento, preguiça ou bom senso? (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 200)

A população do Rio chama a atenção do autor por sua riqueza cosmopolita, explicitada em excertos como:

“[...] que o Rio é mais rico (que New York) em espécies, em tipos, e encerra em seus muros vinte povos diversos [...] Ide, pela manhã, ao mercado próximo do porto. Lá está ela, sentada, acorçada, ondulosa e tagarela, com o seu turbante de casimira, ou vestida de trapos, arrastando as rendas ou os andrajos (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 202; 3).

Ribeyrolles faz uma rica descrição dos tipos existentes no Rio:

[...] as negras vendedoras, matronas do logar, patrícias da manga e da banana, com seu rosário de chaves. Essas damas mercadoras têm seus escravos que lhes arrumam as quitandas, vigiam, vendem ou vão colocar seus grandes cestos nas esquinas das ruas freqüentadas, tentando a curiosidade do passante.

[...] a segunda classe de quitandeiras não tem mais que um tamborete e um taboleiro sobre estacas e debaixo de um toldo, nas horas de muito sol.

[...] Agachadas ou marchando atrás das senhoras, vão as negras do Congo, de Moçambique, de Anguiz e de Benguela. É o proletariado negro, em saias amarrotadas, bochechas tatuadas e anéis de cobre. Algumas delas têm filhos carapinhentos e nus que brincam pelo chão; e quando levam o cesto à cabeça, carregam às costas o seu querubim negro enrolado em sua manta azul, como um esquilo na folhagem (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 203).

Os negros mais jovens e sadios eram vendedores que carregavam pesados cestos e passavam a oferecer seus produtos, nas portas, corredores, ruas comerciais, praças públicas e em toda a cidade, percorrendo longas distâncias. Para se distrair de tão penosa tarefa, acertavam entre eles cânticos cadenciados, acompanhados de um chocalho ou de qualquer instrumento musical.

No mercado, ficavam os escravos velhos e doentes cuja força servia para carregar pequenos cestos de frutas; e outros sadios e robustos, para fazer o trabalho do cais ao mercado. Ribeyrolles tece uma crítica e ao mesmo

tempo um elogio aos estivadores escravos e à modernização do trabalho:

Difícilmente se encontraria mais belos grupos de estivadores, vivos e velozes em Marselha ou nas docas de Londres. É verdade que lá o grande comércio tem todos os seus petrechos – os guindastes, os moitões, as polias, os cabrestantes, os pequenos de ferro, e não se tem tanta necessidade de atrelar o homem (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 204).

Numa descrição brilhante, sagaz e crítica, Ribeyrolles, como antropólogo nato, descreve a exploração da mão-de-obra escrava, questionando os vários tipos de trabalho aos quais os escravos eram submetidos:

A quem reverte o salário, o ganho do negro?

O senhor taxa o escravo a tanto por dia ou por semana. Ele precisa de sua ração. E como ela é regulada pela sua força, atividade e inteligência, é difícil para o negro ajuntar seu pecúlio ou gastá-lo com as dançarinas.

Há no Rio proprietários que mantêm no ganho até trezentos escravos, e cada noite aferrolham tranquilamente um rendimento de lista civil. Por que não? Compraram a ferramenta, o instrumento. Carne, suor e sangue, tudo lhes pertence. No entanto, são católicos, membros de várias irmandades, acompanham as procissões, tocha na mão, visitam as igrejas e fazem a sua páscoa. Santos homens! (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 204).

A escravidão no Brasil teve características muito peculiares no que se refere ao trabalho escravo no Rio por ser eminentemente um pólo administrativo do reino e possuir o maior porto do Brasil por onde era exportado o café. Isso significa que a

força de trabalho escrava na Capital Federal se concentrava no setor de serviços e por esse motivo surge a maximização dessa mão-de-obra, que tinha que atender às necessidades de uma população abastada.

Por isso, o escravo passou ser uma mão-de-obra que já começava a “competir” com o trabalho livre e a se tornar um entrave para o avanço do capitalismo, mas não para o capitalista, como bem especifica Ribeyrolles:

[...] classe numerosa dos criados de aluguel. Abri os jornais, lede os anúncios. Os *aluga-se, vende-se, precisa-se* fervilham. Predomina o *aluga-se*. Aí encontrareis domésticos de mesa ou de quarto, trabalhadores, amas de crianças, lavadeiras, mucamas, cozinheiros, moços de cozinha, pagens. Há de tudo, para todas as necessidades, nessas taboletas mercantis que choram, muita vez, na primeira página, sobre as desgraças sagradas da Itália ou Polônia.

[...] Sapateiros, alfaiates, funileiros, pedreiros, pequenos industriais e fabricantes, que não podem adquirir o instrumento negro, alugam-no e lhe pagam os serviços. Para quem os salários desses obreiros e empregados? Para os senhores, integralmente (Ribeyrolles, 1980, v.1: 206).

Apesar do tom crítico e áspero contra as injustiças, Ribeyrolles era ainda um dos muitos intelectuais e militantes políticos que defendiam a idéia de pureza da raça. O que é explicável para a época e para quase todos doutos da ciência que defendiam a noção de raça superior, sintoma de uma aristocracia que começava a ruir, como escreve Georg Lukács:

La demagogia social de la teoria racista, que es una teoria por esencia aristocrático-reaccionaria y

antidemocrática, no apunta ya directamente hacia el pasado feudal, como estado ideal que se trata de restaurar, sino que se hace pasar por una doctrina que señala la ruta del porvenir. Bajo Napoleón III, la oposición aristocrático-feudal no se mostraba todavía tan abiertamente feudal, con el rostro vuelto hacia el pasado. Y las masas trabajadoras desengañadas del régimen bonapartista, al recobrase del aturdimiento que les había producido la derrota de 1848 y verse de nuevo libres de la influencia demagógica de los hombres de diciembre, fueron orientándose cada vez más marcadamente hacia la izquierda, por los derroteros de la recuperación de la democracia y hasta de lucha por el socialismo. (LUKÁCS, 1972: 544).

A teoria racista traduz-se como uma reação dos teóricos da aristocracia, que criaram falsos debates, pesquisas e pressupostos, tentando explicar a questão da pureza da raça, para contrapor a queda das Monarquias via revolução ou eleição. O surgimento das Repúblicas enfraquecia e punha em perigo as casas reais, por isso surge, com força, teoria racista que defendia a importância do monarca por este ser o ponto de equilíbrio e possuir sangue azul.

Ribeyrolles volta a reafirmar que seu pensamento tem raiz na teoria racista quando escreve:

Morenos, louros, negros e pardos abundam. Caboclos puros são como abencerragens.

Vêem-se, às vezes, alguns mestiços – índios, filhos de negros ou de brancos, e as mulheres dessa mistura não destituídas de graça, sobretudo **se há duas gotas de sangue azul**. No sul chamam-se *chinas*, e seus irmãos *mamelucos*.

Os filhos de índia e negro são inferiores e têm a alcunha de coriboca. (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 207). (grifo nosso)

Ribeyrolles descreve, em detalhes, a cidade do Rio no que se refere a sua pujança na produção e no comércio de jóias, antes proibido e reprimido pelos interesses do reino português, porém liberado com a vinda Família Real para o Brasil, para atender aos interesses da nobreza e dos ricos comerciantes.

Hoje, a rua dos Ourives tem direito da ferramenta, a liberdade da oficina. Suas vitrines irradiam ouro e prata. Candelabros, lâmpadas, custódias, relicários, toda a ourivesaria das igrejas está sob as vistas do público. Fabrica-se também o bracelete, o broche, o diadema, todo esse *mundum-muliebrem* de que falam os poetas romanos. Contudo, os Cellini são raros na rua dos Ourives. Suíços, franceses, alemães mantêm loja e concorrência com brasileiros e portugueses. Trabalha-se a obra em grosso para venda. A obra-prima vem sempre de Paris. (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 208)

No que se refere ao entretenimento, com a chegada da Família Real ao Brasil em 1808, as mulheres passaram a conquistar maior liberdade, circulando pelas ruas, dançando em recepções festivas da Corte, comparecendo a saraus, teatros e ópera. O piano era ainda escasso e somente aparece em alguns sobrados, sendo um produto que começará a entrar no país paulatinamente, modificando a produção musical a partir de 1850 e inaugurando o salão no sobrado urbano e nas sedes das fazendas. E logo estava sendo usado para composição de modinhas e lundus, nas mãos da fantástica Chiquinha Gonzaga.

Ribeyrolles (1980, v.1: 209):

“O piano faz barulho em todas as salas. Esse enfadonho *pedalista*, que não tem nem os grandes sopros, nem os cantos profundos do órgão, invadiu tudo, até os depósitos de bananas, e matou a conversação”.

As grandes procissões da igreja católica eram festividades religiosas que ocorriam de dia e à noite, das quais os escravos e a população em geral participavam de forma ativa. Ribeyrolles não poderia deixar passar despercebido esse acontecimento, sem fazer os seguintes comentários:

O trabalho e os salários perdem nelas cem dias. Os negros amam as tochas, a música, o incenso, os grandes cortejos. As crianças adoram os tiros, as bombas e os foguetes. Crianças e negros correm, pois, às procissões. Clérigos, monges, confrarias são o espírito que as anima. Eles não têm *circensis*. Sabem que os hábitos, as tradições vivem muito tempo depois da fé morta (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 209).

O teatro era um entretenimento do mais democrático e trazido pelos jesuítas, que se servia de seu processo pedagógico de ensinamentos de técnicas teatrais, eficazes e fascinantes para a educação religiosa de evangelização. Começaram, então, a incorporar os costumes nativos, máscaras, pinturas e elementos do cotidiano indígena ao seu secular e dogmático ensino, produzindo espetáculos quase sempre litúrgicos, de cunho eminentemente apostolar, nos quais se juntavam anjos e flores nativas, santos, bichos, com louvores a Deus.

Ribeyrolles, ao se referir ao entretenimento popular da época, destaca o teatro, afirmando:

O verdadeiro entretenimento público no Rio é o teatro. Todas as classes o apreciam, freqüentam-no, têm nele a sua localidade, a pesar

do calor. O de S. Pedro de Alcântara, no largo do Rocio, é digno das cidades; as cenas secundárias do repertório, as pequenas platéias de Londres. (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 210)

Os brasileiros amam a arte, e nós também. Se gostam, ao mesmo tempo, das igrejas e das procissões, por que deixam que se perca e desapareça a grande música sacra? (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 211).

A cidade do Rio de Janeiro era também palco de pleno desenvolvimento das artes cênicas, gosto trazido pelos jesuítas que aplicavam a interpretação teatral para a catequização dos nativos da terra. Um dos vanguardistas desse processo foi o padre José de Anchieta. A Família Real ergueu o Real Teatro São João, rebatizado de São Pedro de Alcântara, em 1826, e arrendado, em 1838, por João Caetano. Em 1871, foi inaugurado o Teatro Imperial D. Pedro II, que teve em sua abertura o famoso baile de máscaras. Este teatro se localizava na Rua da Guarda Velha, nele eram apresentadas as óperas, muito ao gosto da Corte, por isto ficou conhecido como Teatro Lírico.

Não poderíamos deixar de destacar o Teatro Municipal Casa da Ópera, fundado na cidade de Ouro Preto no ano de 1770, considerado o mais antigo da América do Sul, com capacidade para 350 pessoas. Local onde o Barroco mineiro deleitava a sociedade que ostentava o luxo e a riqueza vindos do ouro.

Viagens e hospitalidade

Pode-se destacar como Ribeyrolles tem presente, em sua militância política, a prontidão para o embate verbal. A sua habilidade para com as palavras o faz um crítico inteligente não caindo no vazio político. Quando se refere às cansativas e duras viagens dos tropeiros,

que na verdade dinamizavam a economia, afirma: “Dormi em paz, tocadores de mulas. Em breve, não haverá mais tocadores de homens” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 220).

Uma das primeiras vezes que Ribeyrolles toca no assunto de hospitalidade descreve-a com o costumeiro tom crítico, comentando:

Neste país onde abundam as montanhas, as hospedarias são raras. Seria uma ventura que as houvesse em cada parada. Tome-se a serra do Comércio ou a de Botage (?), ou o caminho de Rodeio, para ir a Valença ou a Vassouras, e ter-se-á que pousar na primeira venda. É o que existe de melhor.

Assim fizemos no Quilombo, pequeno hotel da estrada de Vassouras, onde há feijão, milho, arroz, sardinha, carne seca todos os primores e virtualhas do deserto. O serviço foi excelente entremediado, como sempre, de – paciência! Paciência! – e coroado de um boletim avisando a perda de vinte mil réis! É verdade que as mulas compensaram. Que vitórias para três proletários! Com alguns Austerlitz como esse, ficaríamos a seco. Sem a menor munição (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 224).

O comentário sobre os preços cobrados pela hospedagem é comparado a uma guerra, pois os valores dos serviços deixariam qualquer batalha sem munição, bem como os elevados gastos das viagens que nas palavras de Ribeyrolles (1980, v.1: 224) no “[...] Brasil custa mais caro que na Rússia ou Inglaterra [...]. Ao comentar sobre as estradas da época descreveu as cruces e os esqueletos que se observam no caminho a disposição das intempéries. Destaca-se, a seguir, um de seus comentários a respeito da segurança de se viajar pelo Brasil:

Pode-se atravessar o Brasil, em todos os sentidos, quase sem risco, salvo nas regiões selvagens onde se açoitam as tribus decadentes dos últimos indígenas.

De quem a culpa, se num país onde o povo é dócil, hospitaleiro, humano, há, algumas vezes, dessas tragédias pelas estradas?

Quando penetra em lar estranho, o viajante deve respeito às tradições, aos costumes e mesmo às suscetibilidades *tropicais* de quem o hospeda (Ribeyrolles, 1980, v.1: 225).

A noção de Ribeyrolles sobre hospitalidade demonstra que ele detém uma visão interessante sobre a dimensão desse conceito em suas ramificações relacionadas ao equilíbrio do meio ambiente, pois questiona o incêndio das matas e a forma de uso da terra, que de terreno para cultivo se torna pasto para o gado. Com indignação, questiona fortemente o uso da terra:

De resto, para que servem as queimadas? Para que esses incêndios, sem dúvida muito pitorescos à noite, e que não deixam de constituir devastações monstruosas? Em nossos Pirineus franceses, assim faziam outrora os pastores do Béarn. Queimavam, no outono, vários tratos de floresta e asseguravam, para a primavera, excelentes pastagens. Mas, os cumes espoliados, recebia a planície as águas em torrentes, inundavam-se os campos e a própria montanha se esboroava entre as águas. O que lá não passava de um acidente severamente punido pela lei penal, aqui, para o lavrador brasileiro, é hábito constante, o uso, a regra (REBEYROLLES, 1980, v.1: 247)

Em uma de suas paradas de viagem, Ribeyrolles comenta sobre a busca de

abrigo, após perigosa tempestade e a chegada diante de um hotel:

Noite, noite profunda, quando as mulas chegaram a Pedro do Rio, diante do hotel Meyer. Não se trata seguramente de um Louvre. Também não é um desses albergues sórdidos onde só há carne seca e feijão. A casa é nova, limpa e bem fornida. Pode-se jantar e dormir bem, dois prazeres de quem viaja duas graças do caminho que se encontram dificilmente entre Petrópolis e Barbacena (REBEYROLLES, 1980, v.1: 258).

Conclusão

O perfil crítico, militante em defesa da idéia Republicana de Charles Ribeyrolles, levou o fotógrafo Victor Frond a convidá-lo para vir ao Brasil a fim de colaborar na elaboração de um projeto ousado: a elaboração de um livro intitulado *Brazil Pittoresco*, descrevendo a história econômica, social e política brasileira. Caberia a Ribeyrolles dar a merecida contextualização às imagens captadas por Frond. Seria um trabalho inédito no campo fotográfico para a memória da história brasileira.

Entretanto, a obra de Ribeyrolles e Frond é grandiosa em sua totalidade, pois os autores se completam (imagem com o discurso) em um trabalho de inspiração antropológica e sociológica, o que os torna realizadores do primeiro livro de fotografia realizado na América Latina, bem como um marco para a primeira divulgação turística, utilizando a fotografia.

Com um discurso beirando ao ufanismo naturalizado, Ribeyrolles dá destaque à característica de sua militância política, aconselhando o imperador a lidar com a mão-de-obra livre, resultante do processo de imigração estimulado pelo Estado imperial. O cronista entendia

que, pela dimensão e riquezas existentes no Brasil, Portugal tenha pela frente “[...] essa empresa gigantesca da colonização de um mundo?” (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 189).

A beleza natural do Rio de Janeiro impressionou Ribeyrolles, fazendo com que exultasse suas formas geográficas como as mais “indolentes e fascinantes” para o visitante, afirmando que esse encantamento atingia todas as embarcações que dele se aproximassem. Em depoimento de exaltação ao período Imperial, porém em tom satírico comenta:

Estamos em frente ao Pão de Açúcar, e posto que já tivesse anoitecido, eu vislumbrava, em brumoso perfil, a algumas braças de mar, esse descomunal monólito pousado, como um gigante de atalaia, à entrada da baía. Ele está nu, de cor alvacenta e fulva, mordido de sol e vento. Não ostenta a mais pobre das coroas nem uma planta verde, uma simples flor no cimo (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 175; 6).

Outro momento característico da criticidade de Ribeyrolles consiste no comentário sobre os passeios oferecidos pela cidade do Rio de Janeiro, destacando alguns pontos turísticos:

Há ainda outros recantos deliciosos, porém bastante afastados, como as gargantas da Tijuca, onde a cascata murmura, Boa Viagem, em Niterói, o saco da Jurujuba, que abre, por um canal estreito, para um dos ninhos da baía; a ponta do caju, a Boa Vista, em S. Cristóvão, residência Imperial, e entre todos, o Jardim Botânico, fechado, ou melhor, perdido na lagoa de Rodrigo de Freitas, ao fundo de Botafogo. (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 192; 93).

Ao se referir ao Jardim Botânico, faz uma crítica ao monarca D. João VI falecido em 1826, em tom de deboche, quando descreve a situação do local, como sendo “[...] o jardim das plantas, das bananeiras e das essências”, e completa a ironia:

Essa risonha metamorfose deve-se ao rei d. João VI. Se ele pouco se dava às idéias e às guerras, comprazia-se com as flores. Deus proteja e perfume a sua alma.

Nesse jardim, pobre em espécies, deficiente quanto à ciência se ostenta dupla colunata como jamais tiveram palácios e templos. É uma aldeia de palmeiras em dois renques.

[...] O Jardim Botânico do Rio devia ser, antes de tudo, brasileiro (RIBEYROLLES, 1980, v.1: 193).

A contribuição que Charles Ribeyrolles traz à historiografia do turismo brasileiro é importante e demonstra o quanto os centros de estudos e investigadores necessitam-se voltar cada vez mais para a pesquisa nessa área. Um povo só é independente quando é dono de sua história, quando conhece suas raízes e sabe onde investigá-las, para isso, a pesquisa histórica do século XVI ao XIX se constitui em uma fonte inesgotável de dados (emoções).

E por que Ribeyrolles? Porque, era um militante político que defendia a República com a tonalidade ampla de criticidade inteligente. Por isso, capaz de nos dar uma noção crítica da hospitalidade praticada na época e sinalizar o turismo, num sistema Imperial, que apresentava um processo de contradição, pois a coexistência da mão escrava com a mão-de-obra livre pressionava os interesses de classe.

Por esses motivos, os relatos de viagem são fontes inesgotáveis de temas para

pesquisas. Por viver um tempo no Brasil, a observação empírica do cronista mapeia sua descrição, com informações interessantes e detalhadas da vida da população, dos costumes dos hábitos, das festas, do cotidiano daquela época. Ao se deparar com o desconhecido, com o diferente, os viajantes se assustavam e, muitas vezes faziam análises rápidas e preconceituosas sobre o lugar e seu povo. Charles Ribeyrolles, como jornalista francês, não se absteve de participar do debate da mão-de-obra no Brasil e de propor seu projeto que solucionaria seus males. Marcado pelo racismo, típico do século em que viveu, defendia a miscigenação apenas que resultasse no branqueamento. Dessa forma, então, o imigrante ideal seria o colono branco, europeu e se possível protestante, que seria o símbolo do

labor e do progresso, já que via Portugal e a Igreja Católica como o atraso e a ociosidade.

Referências

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica**: 1750-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

História da vida privada no Brasil: Império / coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume, Luiz Felipe de Alencastro – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUKÁCS, Georg. 1972. **El asalto a la razon**: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Barcelona e México, v. 3, D. F: Grijalbo.

RIBEYROLLES, Charles. **Brasil pitoresco**: história, descrição, viagem, colonização, instituições. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.